



O CONVIDADO

Uma política industrial europeia mais forte para sair da crise



ANTONIO TAJANI
Vice-presidente da Comissão Europeia pela Indústria e pelo Empreendedorismo

Tempo de a Europa atacar as origens da crise: o declínio da sua base industrial que, desde o início deste século, está a minar a nossa competitividade.

A crise acelerou este processo, com a perda de três milhões de postos de trabalho na indústria e com a queda da quota do PIB ligada ao sector da indústria transformadora para 15,6%. Ao nível global, o centro de gravidade da produção deslocou-se bruscamente para os países emergentes. Na China, a indústria transformadora que era responsável em 2007 por 7,7% do PIB chega agora aos 21,7%, superando os Estados Unidos da América (14,5%) e a União Europeia a 15 (que baixou de 27,1% para 21,0%). E as coisas não parecem estar a melhorar. A nossa produção industrial caiu em setembro 2,5%, o crescimento continua a ser nulo e já ultrapassámos os 23 milhões

de desempregados, com níveis alarmantes entre os jovens.

Enfraquecer ainda mais o tecido produtivo pode levar-nos a um ponto de não retorno. A indústria não sobreviveria a uma deslocalização das suas principais componentes. Pensar em sair da crise só com medidas de consolidação fiscal, num contexto de desertificação produtiva, não passa de uma ilusão perigosa, que corre o risco de ser socialmente insustentável e de criar dificuldades crescentes na partilha do projeto europeu por parte da opinião pública.

A perda da base industrial não foi uma fatalidade. Basta pensar que até há pouco tempo muitos eram aqueles que prognosticavam um futuro pós-industrial para uma Europa cada vez mais centrada nos serviços e no sector financeiro. Demo-nos conta muito tarde de que 80% da inovação e dois terços das exportações vêm da indústria e que, por cada posto de trabalho no sector da indústria transformadora, se criam um a dois postos de trabalho no sector dos serviços.

A 10 de outubro, a Comissão adotou uma estratégia europeia para inverter o processo de declínio, estabelecendo como meta a atingir até 2020 20% do PIB associado ao sector da indústria transformadora. Para alcançar esta meta, devemos dar prioridade e centrarmos as nossas energias

nalguns pilares: melhor acesso ao crédito e aos mercados, formação e mais investimentos na inovação industrial. Agora, é preciso passar das palavras às obras e pôr em prática políticas coerentes.

A Europa deve virar-se de novo para a indústria, a fim de atrair investimentos. Não basta um quadro normativo e regulador estável e "inteligente", que não desencoraje o investimento e estimule a competitividade. É necessário também levar rapidamente à prática o plano europeu de crescimento decidido na cimeira de junho, com mais fundos da UE para garantia de empréstimos e de capital de risco, *project bonds* para financiar infraestruturas inteligentes e modernas, nova capitalização do BEL para apoiar a inovação industrial, reafetação dos fundos estruturais para a competitividade.

Tal como a personagem de Cândido, estamos talvez imbuídos da ilusão de viver "no melhor dos mundos possíveis", da ilusão de sermos capazes de nos tornar, sozinhos, um modelo para o resto do mundo no meio de uma concorrência global cada vez mais aguerrida. O problema é que o resto do mundo, em muitos casos, não nos seguiu, e isso teve

repercussões na competitividade daqueles que continuavam a produzir na Europa. As disparidades em matéria de normas de segurança, de proteção social ou outras criaram uma desvantagem

muitas vezes insustentável para a nossa indústria. Por exemplo, com um custo da energia que é o mais alto do mundo, estamos a empurrar a deslocalização para países que recorrem à energia com carvão poluente e não respeitam normas so-

bre emissões. E não creio que esta situação ajude o nosso clima...

talvez tenhamos chegado ao momento de refletir sobre ações mais eficazes, que estimulem a inovação e a competitividade da nossa indústria, encorajando-a a ficar na Europa e a desenvolver soluções tecnológicas que respondam aos desafios em matéria de sustentabilidade, de escassez de recursos e de segurança energética com que nos defrontamos.

As crises de sectores como o automóvel, a siderurgia, os estaleiros navais ou a construção, assim como o custo e a dificuldade de acesso à energia e às matérias primas, põem cada vez mais em relevo a necessidade de uma ação comum em matéria de política industrial.

“
A Europa deve virar-se de novo para a indústria, a fim de atrair investimento”

O plano apresentado pela Comissão na semana passada para a realização da União Económica e Monetária representa um verdadeiro impulso rumo à mudança. Estão previstos fundos para apoiar as reformas estruturais, a união bancária, *eurobonds* e fundos de resgate. Trata-se de um roteiro para um verdadeiro governo europeu da economia, a juntar à moeda única, que deve incluir também a reindustrialização entre os seus objetivos.

Conferir um papel mais importante ao Conselho "Competitividade", em paralelo com o que é assumido pelo Ecofin, tal como preconizado pelos ministros Soria, Santos Pereira, Passera, Montebourg e Roesler no seu artigo publicado no *Wall Street Journal* e no *Diário de Notícias*, entre outros jornais, irá certamente na boa direção. Como primeiro passo para reforçar a política industrial europeia, proponho-me promover encontros informais com os ministros da Indústria, tendo em vista um trabalho reforçado e mais constante sobre os principais temas da política industrial e dos respetivos sectores em crise.

Estou convencido de que na nova Europa que estamos a construir se deve também refletir sobre um salto qualitativo na política industrial, que forneça os instrumentos adequados para vencer os desafios com que nos defrontamos.